

## **APRESENTAÇÃO**

### **DOSSIÊ**

## **ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA: UTOPIA REACIONÁRIA?**

### **Parte I**

Organizadores  
Joana A. Coutinho<sup>1</sup>  
John Kennedy Ferreira<sup>2</sup>  
Rogata Soares del Gaudio<sup>3</sup>

Esse dossiê tem a intenção de discutir o ascenso da direita no mundo, mas buscando as especificidades da América Latina e particularmente Brasil, com foco nos seus argumentos, movimentos e ações. Depois de pouco mais de uma década de governos progressistas na América Latina, vimos uma onda de retrocessos com Golpes institucionais com a chancela dos Estados Unidos: Honduras (2009), Paraguai (2012), Brasil (2016), Bolívia (2019). Mas o fato, é que no mundo, parece que vem ocorrendo uma guinada à direita em variados estados nacionais, com a ascensão de movimentos e partidos políticos de “extrema direita”, alguns deles com clara pretensão fascista, como é o caso do ex-presidente dos EUA, Donald Trump e Jair Bolsonaro no Brasil.

Alain Badiou (2018) os denomina como exemplos de um “fascismo democrático”, ou seja, não há uma ruptura com as instituições, mas uma espécie de democracia limitada. Podemos citar inúmeros exemplos onde a organização da extrema direita se faz presente e, sem nenhuma timidez, se apresenta como alternativa para disputar ideológica e politicamente a hegemonia nas diversas

---

<sup>1</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Ciências Sociais: Sociologia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em Ciências Sociais: Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Pós-doc na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) (2018). Atualmente, professora Associada IV na Universidade Federal do Maranhão. Coordena o Grupo de Estudos de Hegemonia e Lutas na América Latina, vinculado ao Programa de Políticas Públicas, e pesquisadora do Núcleo Práxis da USP. Tem experiência na área de Ciências Sociais com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: ONGs, movimentos sociais, sociedade civil, Estado, ideologias, classes sociais e lutas de classes.

<sup>2</sup> Bacharel pela Fundação Escola de Sociologia e Política, mestre em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. Doutor em História Econômica, pela Universidade de São Paulo - FFLCh - USP. Atua como professor de Sociologia e de Ciência Política. Desde novembro de 2016 é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<sup>3</sup> Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2006). e Pós-doutorado em Geografia Humana pela USP (2021). Atualmente é membro do Neils da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Instituto de Cultura Ibero-Atlântica (ICIA, Portugal) e Professor Associado IV da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de GEOGRAFIA, com ênfase em Atitude e Ideologias Políticas, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia, Ideologia, Educação, Ensino de Geografia e Análise do Discurso.

sociedades. Alguns exemplos: a) o partido político Vox, na Espanha, reivindica a família tradicional, o catolicismo, o antiaborto e é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo; b) na Suécia, a extrema-direita se organiza com um discurso anti-imigração, com aumento da xenofobia, sendo que nas eleições de 2018 obtiveram 17,6% dos votos; c) na Alemanha, a Alternativa para a Alemanha (AfD) de extrema direita é a terceira maior força política no Parlamento.

A “nova direita” — diferentemente das forças conservadoras da década de 1990 que se baseavam numa utopia do mercado e da modernidade, —representam a nostalgia de um passado “idealizado” com base em valores assentados na defesa da “família, exército e religião”. O fato é que esse “discurso” e as ações a ele associadas vem crescendo em momentos de crises como o que estamos vivendo, e tendem a crescer mais ainda com a promessa de recuperação de um passado que nunca existiu, mas que alimenta e de certa forma, acalenta o presente.

Estudar esse fenômeno, entendê-lo em sua forma e conteúdo é essencial para que possamos compreender e combater essa “volta ao passado, que justamente por ser “idealizada”, tem cooptado e convencido milhões de pessoas a se voltarem a ele como a alternativa ideológica, econômica, social e política possível.

Neste número da revista *Crítica e Sociedade*, publicamos a primeira parte do dossiê.

Iniciamos com o artigo **Antônio Gramsci, José Carlos Mariátegui e o fascismo**, neste, o autor, John Kennedy Ferreira, analisa o surgimento do fascismo na Itália, como Gramsci denomina esse movimento que tem um caráter político e ideológico, na Itália dos anos 1920, e a influência de Gramsci no jovem marxista peruano. Embora Mariátegui tenha passado algum tempo na Itália onde “desposou mulher e algumas idéias”, não chegaram a se encontrarem, mas as ideias foram bastante frutíferas, daí a sua análise particular do fascismo.

Já no artigo, **O fascismo nosso de cada dia nos daí hoje: Os Estados Novos brasileiro e portugueses** de Rogata Soares Del Guadio, recupera a discussão do Estado Novo Brasileiro e Português e suas similitudes, não se trata de afirmar que houve no Brasil um regime de cunho fascista, como foi o salazarismo, mas sobretudo como a ideologia fascista também rondava pelo lado de cá do oceano.

O artigo “*Los mercenários de la libertad: Movimiento San Isidro (MSI), activismo político y protestas de derecha en Cuba*”, de Jeferson Barbosa nos mostra como a direita se organiza na pequena Ilha que resiste há mais de 60 anos aos ataques do imperialismo e como a nova onda da extrema direita chega ali.

**Neofascismo, forma política do capitalismo em crise: antinacionalista, neoliberal, racista**, neste artigo, o filósofo e historiador, Yuri Martins-Fontes, analisa como a crise do

capitalismo gera o monstro do fascismo tanto como foram as experiências dos anos 1920 e 1930, como essa, nos dias de hoje.

Concluindo este número, temos texto de Pilar Godinez Mejía, “*El movimiento ProVida en México y la política de la reacción*”, faz uma leitura do crescimento de pautas conservadoras em movimentos como este que surge no México e que está por todos os cantos. Contra o aborto, numa suposta defesa da vida, são, na verdade, portadores da morte. A autora analisa a partir de chaves dadas por Gramsci como política de reação.

Esperamos que as discussões conduzidas pelos autores neste dossiê sejam fonte de debate e potencialização de conhecimento neste momento que se torna cada vez mais indispensável ficarmos em alerta com as movimentações políticas e sociais ao nosso redor.

Boa Leitura!